

ponencia sobre el diseño gráfico como herramienta de vinculación con la colectividad en el VI Congreso Latinoamericano de Enseñanza del Diseño de la Universidad de Palermo. Ing. Homero Felipe Torres Yépez MsC. Ingeniero en Diseño Gráfico por la Universidad Tecnológica Israel. Master en Mercadotecnia (Universidad de las Fuerzas Armadas, ESPE). Socio Fundador del Estudio Creativo Mouselab, donde desempeñaba el cargo de Director de Publicidad y medios alter-

nativos. Actualmente es Director de Mercadeo y asesor en proyectos de imagen para pymes en su emprendimiento Consultorio Gráfico. Como Docente trabajó 7 años en la Universidad Metropolitana y en varios institutos Superiores, en cátedras de especialización como Animación y modelado 3D, manejo de Software especializado y el área de gerencia de empresas de Diseño.

## Desenho inclusivo, o despertar de uma roupa apropriada

Actas de Diseño (2022, julio),  
Vol. 39, pp. 87-91. ISSN 1850-2032.  
Fecha de recepción: julio 2018  
Fecha de aceptación: noviembre 2019  
Versión final: abril 2022

Selediana de Souza Godinho (\*)

**Resumo:** O desenho inclusivo é discutido no campo acadêmico como parte de desenho universal, que visa projetar produtos e serviços para o atendimento de diferentes consumidores, independente de idade, gênero, capacidades, entre outros (Clarkson e Coleman, 2013). No caso deste trabalho, resgata-se dois conceitos: antropometria e ergonomia, para projetar um desenho de vestuário que utiliza simultaneamente processos, métodos e ferramentas e o argumento social de inclusão, para atender as necessidades de pessoas com deficiência.

**Palavras chave:** Antropometria - Desenho Inclusivo - Ergonomia - Pessoas com Deficiência - Representação Social.

[Resúmenes en inglés y español y currículum en p. 91]

### Introdução

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, 1 bilhão de pessoas no mundo apresentam algum tipo de deficiência. Com os avanços da medicina e o processo de envelhecimento, estes números tendem a aumentar cada vez mais. Observa-se aos potenciais consumidores de produtos inovadores, como no caso de roupas exclusivas, as necessidades e demandas que aparecem no campo da deficiência. (ONU, 2018).

Esta investigação sociológica se utiliza do desenho inclusivo para abordar, no campo acadêmico, o vestuário para pessoas com deficiência, visto que, uma roupa não é somente uma representação de proteção e pudor, mas sim um meio para aceitação e identidade social.

Considera-se que descrever o desenho inclusivo, significa modificar a percepção social de pessoas que possuem a imagem corporal, distanciada do “convencional ou normal”. Apesar dos avanços tecnológicos no campo do desenho, ainda se caminha a passos lentos, em relação às necessidades e expectativas deste grupo coletivo.

Segundo a revisão de literatura utilizada, os conceitos como antropometria e ergonomia são importantes, uma vez que trabalham com os seguintes aspectos: conforto, usabilidade, movimento, diferenças físicas, flexibilidade, estética, facilidades de vestir e despir.

Neste sentido, faz-se imperativo introduzir nas carreiras de desenho e moda, o uso de uma ferramenta que ajude os alunos na análise de produtos voltados à deficiência.

A combinação de estudos antropométricos e ergonômicos pode ajudar no desenvolvimento de roupas e acessórios, visando abrir caminho para inclusão e participação de pessoas com deficiência nas distintas situações da vida cotidiana.

### Contextualizando a moda inclusiva

O vestuário é um dos pilares da moda, que aparece como uma construção social, a qual abrange a diferentes tipos de conceitos relacionados à aparência, à estética, à imagem corporal. Trata-se de um conceito que ajuda na apresentação do indivíduo em uma sociedade. Observa-se que o ato de vestir é tratado pela cultura de acordo com as transformações e tendências históricas (Entwistle, 2002; Lipovetsky, 2009).

Roach-Higgins e Eicher (1995) consideram que o vestuário surge no campo da moda como objeto que dá sentido e, ao mesmo tempo, interage com o corpo. Desta maneira, o que a roupa engloba vai mais além de sua função de proteção e pudor, como também se apresenta por meio do tipo de penteado, acessórios, perfumes, entre outros elementos que tem propriedades específicas para criar estilos e gerar a apresentação do indivíduo na vida cotidiana.

No entanto, é esta mesma moda que apresenta e que às margens determinados grupos sociais. Existe uma moda e especificamente um vestuário, que devido a seu tipo

de desenho, exclui corpos “diferentes”. Neste sentido, considera-se necessário descrever como a moda se construiu no campo da deficiência ao longo dos tempos. Em uma evolução histórica, o primeiro estudo encontrado nesta revisão de literatura é de Rusk e Taylor, que em 1959 apresentam uma investigação de 3 (três) anos no Instituto de Medicina Física e Reabilitação da Universidade de Nova York, Estados Unidos, sobre a funcionalidade das roupas para pessoas com deficiência. Para os autores o vestuário, naquele momento, não atendia as necessidades básicas requeridas. Observaram que os problemas transitavam entre as dificuldades para vestir, de movimento e o desgaste dos tecidos com o uso de cadeiras de rodas, muletas, entre outros. Desta maneira, aparece o conceito de uma “moda funcional”, percebida na falta de oferta, devido a um desenho que gera incômodos e que se converte em uma barreira para aqueles que necessitam da roupa para poder fazer parte do ambiente social (Rusk e Taylor, 1959).

No entanto, esta funcionalidade parece não atender as reais necessidades das pessoas com deficiência. A “roupa adaptada”, todavia, está longe de ser um vestuário inclusivo. O distanciamento é descrito por um constante esforço em participar de uma “normalidade” social, por meio da seleção de roupas comuns dentro do mercado de consumo.

Nos anos 80, o tema alcança um maior interesse científico e as investigações principalmente nos Estados Unidos, dirigem-se, a um desenho preocupado com a questão da aparência no cotidiano de pessoas que apresentam diferentes limitações físicas, mentais e intelectuais. Observa-se um avanço em relação a uma moda que não somente protege, mas se estabelece como instrumento para a aceitação e autoestima. (Otten, 1980; Kaiser, Freeman e Wingate, 1985; O’bannon et.al., 1988).

Já nos anos 90, os estudos acadêmicos e científicos abordam aos efeitos desta moda que busca integrar as pessoas com deficiência no meio social. Apresenta-se a questão de gênero, principalmente de mulheres e a pressão social para uma maior inclusão. As investigações concentram-se nas dificuldades de seguir as tendências e estilos, do ato de selecionar e comprar roupas e acessórios em um mercado que parece desconhecer as necessidades, expectativas e desejos do consumidor com deficiência. A discussão gira em torno das diversas situações sociais em que as pessoas com deficiência são limitadas de participarem pela falta de uma roupa apropriada para se vestir, como exemplo, educação, trabalho, ócio, entre outros (Nisbett e Johnson, 1992; Thoren, 1996).

Estas investigações servem para reafirmar a importância de uma moda como parte de um processo de socialização das pessoas com deficiência, no qual não basta, apenas uma reabilitação, como principalmente que o desenho possa gerar mais independência, por meio de roupas direcionadas a um uso mais efetivo. Além disso, considera-se que o vestuário representa um papel relevante da autoimagem positiva e na comunicação social.

Dos anos 2000 até a atualidade a investigação científica retrata a moda inclusiva, como parte de um mercado, onde consumidores com deficiência reclamam por um vestuário, como um direito básico e uma questão de dignidade humana. Logo, não se trata de vestir uma roupa, mas

que necessidades, desejos e estilos sejam considerados como parte do cotidiano das pessoas com deficiência (Lamb, 2001; Freeman, 2007; Candy e Goodacre, 2007; Woltz e Carvalho, 2008; Carroll e Gross, 2010; Neves, Barreto e Neves, 2011; Chau, 2012; Grenon, 2016; De Souza Godinho, 2017).

Visualiza-se a uma moda inclusiva que vai além das aparências e se conceitua em um desenho de vestuário, voltado para atender a diferentes corpos. Uma moda que deixa alheio os estereótipos e se centraliza na demanda de produtos voltados à inclusão social. Para Clarkson e Coleman (2013) o desenho inclusivo coloca em evidência projetos, os quais têm como objetivo atender uma população que se encontra à margem das tendências de mercado, como por exemplo, pessoas com deficiência, idosos, obesos, entre outros. Este tipo de desenho relaciona-se a regiões, culturas e distintas condições de saúde.

Com isso, entende-se o desenho inclusivo, uma construção teórica que visualiza a representação social, a imagem corporal e o uso das técnicas, conceitos ergonômicos, antropométricos e do desenho universal, para criar produtos e serviços direcionados a atender aos diferentes corpos que existem no campo da deficiência.

### **Da ergonomia a um desenho inteligente**

Com o aumento do processo de inclusão social das pessoas com deficiência há um crescimento no consumo de bens de vestuário, direcionados a um maior conforto, funcionalidade e estética. Dentro deste contexto, ferramentas metodológicas como a ergonomia e a antropometria auxiliam na construção de peças tradicionais do vestuário. De acordo Salvi, Diaz Merino e Pereira Fialho (2016) a ergonomia ajuda na satisfação do usuário em suas necessidades e desejos de produtos adequados tecnicamente. Além disso, permite novas soluções para o desenvolvimento de peças de roupa que requerem novas formas de funcionalidade e de usabilidade. O objetivo central é de satisfação plena de quem utiliza certo produto ou serviço. A ergonomia incorpora três princípios gerais que são determinantes para um desenho que visa o desempenho humano, sendo eles, a acessibilidade, usabilidade e segurança. O primeiro, baseia-se em tornar um produto ou serviço adaptável a diferentes usuários, bem como facilitar seu uso e que possa se conectar perfeitamente a dispositivos de assistência. Já a usabilidade faz referência aos métodos utilizados para avaliar o uso efetivo, eficiente e satisfatório de um produto ou serviço. E a segurança se relaciona a evitar os danos, proteger a saúde e minimizar os riscos (Wegge e Zimmermann, 2007).

O vestuário tem como principal característica a interação constante e direta com o corpo e para tanto, necessita ser projetado de forma que não limite as atividades cotidianas de um indivíduo. Neste sentido, o desenho de moda deve estar pronto para atender as partes fisiológicas e cognitivas dos usuários (Quaresma e Moraes, 2000; Salvi, Diaz Merino e Pereira Fialho, 2016)

Observa-se, que a ergonomia para alcançar sua eficácia requer de aspectos antropométricos, uma vez que nesta relação entre o indivíduo e sua roupa aparecem outros elementos de interação que necessitam de análises, tais

como a anatomia, a fisiologia e a psicologia. Não se pode desconsiderar que cada grupo social apresenta determinadas características, como por exemplo, a idade, o gênero, forma corporal, etnia e limitações físicas e mentais/intelectuais. Neste sentido, todos os aspectos devem ser considerados quando se pensa em um desenho de moda para diferentes tipos de consumidores (Quaresma e Moraes, 2000; Souza, 2006; Brogin et.al, 2014)

E para concretizar esses dados, revela-se o desenho universal em que todos os fatores de acessibilidade visam atender as demandas das pessoas, com e sem deficiência. O propósito é resolver problemas de desenho a partir do entendimento de que existe uma sociedade diversa e complexa, tanto desde o usuário como do ambiente em que habita (The Center for Universal Design, 1997). À luz destes elementos citados, é que se constrói um desenho de moda inclusiva que tem o objetivo de utilizar as recomendações de funcionalidade, usabilidade, segurança, acessibilidade e estética para resolver diferentes problemas que aparecem no momento que uma pessoa, independentemente de sua forma corporal ou psíquica, necessita de uma roupa. O desenho inclusivo coloca em evidência a uma demanda visível de um vestuário que deve apresentar eficazmente o indivíduo à sociedade (Pullin, 2009; Newell et.al. 2011; Goddard e Nicolle, 2012; De Souza Godinho, 2017)

Ressalta-se que a tecnologia tem sido de grande valia no desenvolvimento e na comunicação de um desenho mais inclusivo, não somente em minimizar erros, como diferenciar possibilidades de conceber produtos e serviços mais acessíveis e como uma estética aceitável. Atualmente termos como *smart textiles* e *smart clothing* são cada vez mais frequentes nos estudos, que reconhecem a importância social de uma moda inclusiva. O desenvolvimento tecnológico do desenho de vestuário aborda tecidos específicos, voltados a resolver problemas de comodidade, impermeabilidade, sensoriais, entre outros. Observa-se uma perfeita integração entre a estética, o funcional e o acessível nos produtos desenvolvidos para atender a diferentes demandas dos usuários (NCD, 2004; Dong et al, 2005; Cunha e Broega, 2009; Ferreira, Ferreira e Oliveira (2014).

Contemplando a estes argumentos, neste artigo considera-se relevante apresentar as experiências de consumo de um desenho inclusivo e inteligente, que é referenciado no campo da deficiência dentro da moda no contemporâneo.

### O desenho inclusivo na vida cotidiana

No campo da deficiência pode-se dizer que o desenho de vestuário está dando seus primeiros passos em roupas e acessórios inovadores, como por exemplo, na criação de produtos esportivos. Marcas como Nike e Adidas vendem os famosos tênis auto adaptáveis, como o *The Zoom Soldier 8 Flyease* (Nike), que possui um zíper especial, não tem cadarços e pode ser colocado ou retirado com maior facilidade. Também está a coleção Adidas Odds (Índia) que se trata de pares de um mesmo pé e está direcionada a atender a pessoas que só possui um pé, como por exemplo, atletas paraolímpicos.

Outro produto que merece destaque, são as camisas com botões magnéticos da marca Magna Ready desenvolvidas por Maura Horton a partir do diagnóstico de Parkinson de seu marido, um treinador de futebol americano universitário. O desenho se concentrou em peças com o objetivo de gerar maior liberdade na hora de vestir e desvestir.

Por sua vez Izzy Camilleri, designer de moda canadense, lança sua marca Izadaptive em 2006, a partir da necessidade de uma de suas clientes. Atualmente, a marca trabalha o conceito de *“I’m Perfect Fit”* onde 55 peças entre calças, camisas, casacos, entre outros, direcionados a categorias, masculina, feminina e sem gênero, são vendidas com elementos de desenho que utilizam acessórios funcionais (botões magnéticos e elásticos), como conceitos de ergonomia e antropométrica que facilitam o movimento.

NBZ APPAREL, INTL, é uma marca norte-americana pensada para a realidade de pessoas com deficiência, principalmente veteranos de guerra e com síndrome de down. O principal produto é a calça jeans sem botões, zíperes e com elástico na cintura. O desenho busca preservar a estética de um jeans comum considerado a funcionalidade.

Recentemente, observa-se também as marcas famosas como Tommy Hilfiger, que lançou a Tommy Adaptive e Target, com a roupa sensorial amigável (*“sensory friendly clothing”*) que são peças que utilizam da tecnologia na impressão de etiquetas, de produtos sem ou com costuras planas, camisetas gráficas unidimensionais, entre outras. Observa-se a preocupação por uma confecção de peças desenhadas para minimizar a incomodidade, como facilitar no vestir.

E como exemplo do uso da tecnologia direcionada a atender às necessidades mais específicas de pessoas com deficiência, é válido citar a marca *Sensewear clothing*, que apresentou em 2015, alguns protótipos de peças de vestuário para pessoas com problemas sensoriais, como por exemplo, com autismo. Os produtos vão desde um cachecol aromático a um casaco que pode ajudar em situações de estresses. O importante deste tipo de desenho é que o uso da tecnologia visa prover dados a médicos e terapeutas ocupacionais para melhoria da qualidade de vida de seus pacientes.

Por último, está Camila Chiriboga (*Open Style Lab*) que criou uma coleção de roupas inteligentes para pessoas com deficiência visual. Cada roupa é reversível e inclui uma etiqueta QR que utiliza smartphone, para descrever o produto ao usuário.

### Considerações finais

Considera-se que o objetivo proposto por este artigo foi alcançado ao dar destaque no campo da literatura acadêmica e científica a uma moda inclusiva, como parte de vestuário ergonômico, antropométrico, universal e inteligente, ou seja, um desenho pensado para todos.

Ressalta-se que ainda este é um tema um tanto inovador no campo da deficiência, uma vez que são poucos os trabalhos que descrevem o uso do desenho inclusivo na indústria de vestuário direcionado a atender o consu-

midor com deficiência. No entanto, considera-se como crescente o interesse de investigadores, empresas e designers em desenvolver produtos e serviços acessíveis e de fácil uso.

Por outro lado, não se pode desconsiderar que a indústria da moda ainda apresenta uma grande distância entre o que detém o mercado e o que necessita o consumidor em relação a peças inclusivas. Neste caso, pode-se dizer que uma pedagogia de desenho inclusiva é determinante, para que o designer em formação possa compreender a função psicossocial que apresenta a roupa no cotidiano de pessoas que possuem uma corporalidade diferente do “convencional”.

Neste sentido, o ensino da deficiência pode ser uma estratégia eficiente na estrutura curricular, de modo a democratizar o desenho de vestuário a um espaço de tolerância e sensibilidade que se articula, para que todas as pessoas possam, por meio do uso da roupa permanecer em ambiente onde se promove a igualdade de oportunidades e uma vida mais independente.

#### Referências bibliográficas

- Brogini, B., Batista, V. J., Figueiredo, L. F., Merino, G. S. (2014). Inovar com pessoas e para pessoas na indústria do vestuário: uma estratégia para agregar novos mercados. *IARA – Revista Cultura, Arte*, 5-31.
- Candy, F. J., Goodacre, L. (2007). The wardrobe and well being: exploring relationships between women living with rheumatoid arthritis and their clothing. *RCA Include 07 Conference* (págs. 1-6). Lancashire: UCLA.
- Carroll, K., Gross, K. (2010). An examination of clothing issues and physical limitations in the product development process. *Family & Consumer Sciences Research Journal*, 39(1), 2-17.
- Chau, P. Y. (2012). Swimwear: Needs Assessment and Prototype Development for Special Needs Children. *Theses and dissertations*(31).
- Chiriboga, C. (2018). *About*. Obtenido de Camila Chiriboga: Recuperado en 02 de septiembre de 2018 <https://www.camichiriboga.com/ab>
- Clarkson, P., Coleman, R. (2015). History of Inclusive Design in the UK. *Applied Ergonomics*, 46, 235-247.
- GQ Brasil (2015). *Nike lança tênis de cano alto para pessoas com deficiência física*. Recuperado el 01 de septiembre de 2018, <https://gq.globo.com/Estilo/Moda-masculina/noticia/2015/07/nike-lanca-tenis-de-cano-alto-para-pessoas-com-deficiencia-fisica.html>
- De Souza Godinho, S. (2017). Além das aparências. *Moda Palavra E-periódico*.
- Entwistle, J. (2002). *El cuerpo y la moda. Una visión sociológica*. Barcelona: Paidós.
- EXAME (2016). *Adidas vende pares de tênis do mesmo pé*. Recuperado el 01 de septiembre de 2018, <https://exame.abril.com.br/marketing/adidas-vende-pares-de-tenis-do-mesmo-pe/>
- Freeman, A. K. (2007). *Caregiver's Perceptions Of Clothing For People With Severe And Profound Intellectual Disabilities*. Georgia: University of Georgia.
- Grenon, G. (2016). *Le vêtement, outil d'inclusion sociale pour femmes baby-boomers en situation de handicap, potentiellement en situation de handicap et en processus de vieillissement : le manteau d'hiver*. Montréal: Université de Montréal.
- Horton, M. *Magna Ready*. Recuperado el 01 de septiembre de 2018, de [www.magnaready.com](http://www.magnaready.com)
- IZ Adaptive. About. Recuperado el 01 de septiembre de 2018, <https://www.izadaptive.com>
- Kaiser, S. B., Freeman, C. M., & Wingate, S. B. (1985). Stigmata and negotiated outcomes: Management of appearance by persons with physical disabilities. *Deviant Behavior*, p.205-224.
- Lamb, J. M. (2001). Disability and the Social Importance of Appearance. *Clothing and Textiles Research Journal*, 3(19), 134-143.
- Lipovetsky, G. (2009). *El imperio de lo efímero*. Barcelona: Anagrama.
- Neves, M., Barreto, M., Neves, J. (2011). Design de uma etiqueta para pessoas com deficiência visual. *VI Congresso Internacionak de Pesquisa em Design* (págs. 1-4). Portugal: Universidad do Minho.
- Newell, A., Morgan, M. e. (2011). user sensitive inclusive design. *International Journal Universal Access*, 235-243.
- Nisbett, D. J., & Johnson, K. K. (1992). Clothing Fashionability and Students with a Disability. *Clothing and Textiles Research Journal*, 39-44.
- NBZ APPAREL, INTL. Home. Recuperado el 01 de septiembre de 2018, <https://nbzapparel.com/>
- Norwegian State Council on Disability (1997). *The Principles of Universal Design*. [https://projects.hncsu.edu/ncsu/design/cud/about\\_ud/udprinciplestext.htm](https://projects.hncsu.edu/ncsu/design/cud/about_ud/udprinciplestext.htm)
- O'bannon, P. B., Feather, B. L., Vann, J. W., Gillard, B. G. (1988). Perceived Risk and Information Sources Used by Wheelchair-Bound Consumers in Clothing Purchase Decisions. *University Of Saskatchewan Library*, 7(17).
- ONU - Organización de las Naciones Unidas (2018). *A ONU e as pessoas com deficiência*. Obtenido de Naciones Unidas: <https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-com-deficiencia/>
- Otten, P. (1980). *Clothing needs of selected physically handicapped people*. Arizona: The University of Arizona.
- Pullin, G. (2009). *Design Meets Disability*. MIT Press.
- Quaresma, M., Moraes, A. (2000). Aplicando a antropometria ao design de produto – estações de trabalho e mobiliários. *Revista Estudos em Design*, 27-51.
- Roach-Higgins, M. E., Johnson, K. K. (1995). *Dress and identity*. New York: Fairchild.
- Rusk, H. A., & Taylor, E. J. (1959). Functional fashions for the physically handicapped. *JAMA*.
- Salvi, N. C., Diaz Merino, E. A., Pereira Fialho, F. A. (2016). Ergonomia e design de emoção no desenvolvimento do vestuário. *9(17)*.
- Sensewear Clothing. *Sensewear collection*. Recuperado en 02 de septiembre de 2018 <https://sensewear.clothing/wordpress/>
- Souza, W. G. (2006). Modelagem no Design do Vestuário. (págs. 1-6). Buenos Aires: Universidad de Palermo. Recuperado el 08 de mayo de 2018, de [http://fido.palermo.edu/servicios\\_dyc/encuentro2007/02\\_auuspicios\\_publicaciones/actas\\_diseno/articulos\\_pdf/A6045.pdf](http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auuspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A6045.pdf)
- Target. *Adaptive Clothing*. Recuperado en 02 de septiembre de 2018 <https://www.target.com>.
- Thoren, M. (1996). Systems approach to clothing for disabled users. Why is it difficult for disabled users to find suitable clothing. *Applied Ergonomics*, 389-396.
- Tommy Hilfiger. *Tommy Adaptive, Tommy Hilfiger USA*. Recuperado en 02 de septiembre de 2018. <https://usa.tommy.com/en/tommy-adaptive>
- Wegge, K. P., Zimmermann, D. (2007). Accessibility, usability, safety, ergonomics: Concepts, models, and differences. *Lecture Notes in Computer Science*, 294-301.
- Woltz, S., Carvalho, M. Â. (2008). *Vestuário inclusivo: a adaptação do vestuário às pessoas com necessidades especiais*. Obtenido de Coloquio de Moda: [http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/4-Coloquio-de-Moda\\_2008/42438.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/4-Coloquio-de-Moda_2008/42438.pdf)

**Abstract:** Inclusive design is discussed in the academic field as part of universal design, which aims to design products and services for the care of different consumers, regardless of age, gender, abilities, among others (Clarkson and Coleman, 2013). In the case of this work, two concepts are rescued: anthropometry and ergonomics, to design a clothing that use processes, methods and tools and the social inclusion argument to meet the needs of people with disabilities.

**Key words:** Anthropometry - Inclusive Design - Ergonomics - Disabled people - Social Representation.

**Resumen:** El diseño inclusivo es discutido en el campo académico como parte de un diseño universal, que pretende proyectar productos y servicios para la atención de diferentes consumidores, independientemente de edad, género, capacidades, entre otros (Clarkson y Coleman, 2013). En el caso de este trabajo, se rescatan dos conceptos:

antropometría y ergonomía, para proyectar un diseño de indumentaria que utiliza simultáneamente procesos, métodos y herramientas y el argumento social de inclusión, para atender las necesidades de personas con discapacidad.

**Palabras clave:** Antropometría - Diseño inclusivo - Ergonomía - Personas con Discapacidad - Representación Social.

(\*) **Selediana de Souza Godinho.** Doctoranda y Magister en Sociología por la Pontificia Universidad Católica Argentina. Es parte del grupo de investigadores en discapacidad de la misma universidad. Ha publicado sus trabajos en revistas académicas y en libros sobre discapacidad a cargo de la Dra. Liliana Pantano y Dr. Enrique Amadasi.

## Metodología de Investigación-Acción Participativa para la Enseñanza-Aprendizaje del Diseño.

Actas de Diseño (2022, julio),  
Vol. 39, pp. 91-96. ISSN 1850-2032.  
Fecha de recepción: julio 2018  
Fecha de aceptación: noviembre 2019  
Versión final: abril 2022

Alma Elisa Delgado Coellar (\*)

**Resumen:** La Investigación-Acción Participativa (I-AP) es una metodología de investigación cualitativa utilizada en el campo educativo, donde el investigador-docente se convierte en instrumento de transformación de las estructuras sociales, al conceptualizar estrategias de intervención, partiendo de un análisis de los sujetos en los que detecta una necesidad/problemática específica. Esta metodología requiere de una permanente reflexión crítica sobre la acción durante todo el proceso, por lo que en la enseñanza del diseño permite la iteración constante, la participación de los sujetos para incidir en su aprendizaje y en la atención a un contexto sociocultural específico, lo que supone un compromiso ético y profesional.

**Palabras clave:** Metodología - investigación - acción participativa - enseñanza del diseño

[Resúmenes en inglés y portugués y currículum en p. 95]

### Metodología I-AP (Investigación-Acción Participativa)

Un aspecto fundamental cuando se habla de metodologías de investigación y ámbitos de intervención en el campo educativo, tales como alcances de un currículum, sentido e intencionalidad, fundamentación pedagógica, actuación docente, entre otros; es considerar que todos los elementos anteriores se vinculan con la innovación, como señala Camps (2012). La innovación educativa implica a su vez intervención, que se da al relacionar a los sujetos (docente, alumno, comunidad) a partir de una planificación de acciones pedagógicas que inciden en un objeto de estudio determinado por una necesidad o problemática, un tiempo específico y una ubicación geográfica. Así, la innovación a partir de la intervención

no se trata de implementar un cambio por un cambio, sino más bien debe ser el resultado de un análisis puntual de condiciones cambiantes en un entorno que funciona como sistema de estudio.

Camps (2012) señala que:

El conocimiento que se elabora en el campo de la didáctica está y ha de estar orientado a la práctica, es decir, a la intervención. La enseñanza y el aprendizaje son el origen y la finalidad de la investigación en un campo disciplinar.

Las orientaciones didácticas hacia las prácticas implicadas en toda intervención obligan a reflexionar sobre las formas de enseñanza y a repensar aspectos que no se ven a